



Capítulo 1



povo é parvo. Tanto se faz de cego, como enxerga o que o bom-senso não vê. Tanto se faz de surdo, como ouve embevecido as maiores asnicas. Pode manter-se mudo por anos a fio ou, se bem orquestrado, bradar gritos de glória ou de revolta. Só depende da política.

Era sobre isso que Frederik Hendrik refletia, enquanto aguardava que o seu secretário fizesse entrar o mais recente herói popular das Províncias Unidas¹. Meses antes, à altura da Baía de Matanzas, em Cuba, o tal sujeito conseguira um feito inúmeras vezes tentado e sempre malsucedido: capturar o carregamento anual de ouro e prata que os galeões espanhóis traziam das minas do Novo Mundo. Um apresamento avaliado em doze milhões de florins², rendimento excepcional para a Companhia das Índias Ocidentais, da qual o novo herói era empregado.

1. As sete províncias ao norte dos Países Baixos (Frísia, Groningen, Gelderland, Overijssel, Utrecht, Zelândia e Holanda) que, lideradas pela Holanda, em 1579 se declararam independentes do Império Espanhol, dando origem a uma guerra que durou quase 80 anos.

2. Aproximadamente 512 milhões de euros.

– Piet Heyn, Alteza – anunciou, com pompa e cerimônia, Constantino Huygens, o secretário.

Que decepção. O ídolo do povo era um homenzinho de baixa estatura, gordote, moreno, cabelo cortado rente com profundas entradas nas têmporas, olhinhos miúdos, bigodes mal-arrumados e fartos, além de uma ridícula barbicha que, como a coroar o conjunto, emprestava-lhe a singular aparência de uma foca de cavanhaque. Afora que metido naquelas roupas domingueiras...

– Bem-vindo – saudou o Príncipe de Orange, disfarçando o seu desapontamento com expressiva inflexão de voz. – Queiras aproximar-te. Eu cá não sou um desses cães espanhóis. Não mordo.

Piet desejava se mostrar impecável. Esforçando-se para se manter digno das circunstâncias, emitiu um sorriso tímido, sem saber o que dizer. Constantino veio em seu socorro.

– Sua Alteza reservou uma surpresa para Vossa Mercê. Uma grande honra.

– Grande honra? – surpreendeu-se o visitante, passeando os olhos pelas paredes forradas de ricos quadros e tapeçarias. – Que honra maior pode um pobre marujo como eu desejar, que ser recebido no *Binnenhof* pelo filho de Guilherme, o *Pai da Pátria*, e irmão do saudoso Maurício de Orange?

Frederik Hendrik não gostou da observação. Uma ruga de mau humor sulcou-lhe a fronte. Já fazia quatro anos desde a morte do meio-irmão Maurício, mas o defunto continuava a lhe fazer sombra, bem vivo na memória popular. Anos desventura-

dos, aqueles. Começara com a rendição de Breda³ aos espanhóis de Flandres⁴, autorizada por ele nos primeiros dias de governo. Logo depois, a guerra entre a Suécia e a Polônia provocara a quase paralisia do comércio no Mar Báltico. Como se não bastasse, os corsários de Dunquerque⁵, a serviço dos espanhóis, estavam a capturar navios mercantes holandeses no Canal da Mancha. Pior. Os Habsburgo da Áustria, aparentados e aliados dos reis de Espanha, haviam estendido seu poder até o norte da Alemanha, adentrado pela floresta de Veluwe, ultrapassado a fronteira da província de Gelderland e até bloqueado aos holandeses o tráfego pelo Rio Reno. Para um país que vivia essencialmente do comércio, era uma calamidade. Desde que sacudira o jugo espanhol e declarara independência, a República das Províncias Unidas raramente se vira em situação tão embaraçosa.

– Ainda assim – disse o *Stadhouder*⁶ num misto de bonomia e contrariedade, já que um elogio vazio não lhe custava absolutamente nada –, este apresamento que fizeste... Chegou em boa hora.

– Foi apenas um... Pelos ossos do meu pai... Uma espécie de resgate, Alteza – emendou o homenzinho com humildade. – A única chance que eu tinha de me redimir da perda da Bahia.

– Sim, eu sei.

3. O cerco a Breda, cidade de fronteira, símbolo da independência das Províncias Unidas, foi contado no romance histórico *Jornada dos Vassalos*, do mesmo autor deste livro. A rendição da cidade, imortalizada por Velázquez num óleo sobre tela de mais de três metros de largura, é acervo do Museu do Prado, em Madrid.

4. Países Baixos do Sul, equivalente, hoje, à Bélgica, Luxemburgo e parte da França, que se mantiveram fiéis à Espanha.

5. Cidade portuária a 10 km da fronteira da Bélgica, hoje território francês.

6. Cargo supremo da República das Províncias Unidas, exercido pelo Príncipe de Orange, responsável pela defesa e política externa, que dividia o poder com o Parlamento, então chamado *Estados-Gerais*.

Frederik levantou-se da escrivantina, cruzou os braços às costas e caminhou solenemente até uma das janelas do seu luxuoso salão de trabalho, nas ampliações do antiquíssimo castelo dos condes da Holanda.

Filho de Louise de Coligny, a quarta e última esposa de Guilherme, o *Pai da Pátria*, herdara da mãe francesa a delicadeza dos traços e, não se sabe de quem, certos gestos, por assim dizer, de um *salta-pocinhas*. Amante das artes, culto e refinado, usava os cabelos prateados quase à altura dos ombros, bigodes finos de pontas ligeiramente voltadas para cima e uma originalíssima pequena porção de barba, estreita e reta, descendo-lhe do centro do lábio inferior até o queixo.

Com precauções um tanto descabidas, o príncipe afastou ligeiramente a cortina de uma das janelas da sacada, instalada na última reforma daquela ala do *Binnenhof*. Do outro lado do Hofvijver, o lago transformado em fosso para proteger o castelo, observou uma vez mais a multidão silenciosa. Parecia que todo o populacho de Haia, a capital da República, ali se postara à espera de alguma novidade.

– Foste tu que trouxeste essas *gentes* todas para cá, senhor Heyn?

– De maneira alguma, Alteza – apressou-se em se desculpar o outro, um tanto constrangido. – Apenas... Pelo Deus que nos rege... Quando recebi a convocação de Vossa Alteza, comentei numa taverna. Orgulho, com certeza. Um tantinho de genebra, também. E hoje, quando cá cheguei para atender ao vosso honroso chamado...

– Compreendo – aquiesceu o *Stadhouder*, afastando-se discretamente do seu posto de observação e caminhando em direção ao visitante. – Pelo que soube, no Brasil tinhas patente de

almirante da WIC⁷. Não era assim?

– Perfeitamente, Alteza. *Heer Van Dorth*... Que o Senhor o tenha em glória... Concedeu-me essa honra quando Jacob... Digo, quando o almirante Jacob Willekens retornou a Amsterdã, conforme previa o nosso contrato.

– Tu ficaste.

– Fiquei, Alteza. E pode Vossa Nobreza acreditar: dei o melhor de mim. Mas quando aquele anão desgraçado... Perdoai-me. Quando o senhor da *Casa da Torre* chacinou oitocentos dos nossos homens em Tatuapara... Quando consegui fugir e encontrar a minha outra guarnição no Rio Vermelho... Guarnição a essa altura reduzida a poucos pilotos e mareantes... Quando fiquei sabendo que *Heer Van Dorth*, mais o Allert... Digo, o major Allert Schouten... Havia sido trucidados, e que os homens remanescentes estavam sob o comando do tenente Willem... Decidi rumar para a cidade da Bahia. Contudo, a falar a verdade... Perdoai-me. Estava cansado. Cinco noites quase insones, depois de passar quatro dias correndo pela mata, derrubaram-me. Quando finalmente despertei... Eram muitos, Alteza! Bem mais de meia centena de navios portugueses e espanhóis. Enquanto eu dormia, um piloto tomara a iniciativa. A bruma do amanhecer nos protegia. Que podia eu fazer, com uma única fragata, que não tentar poupar a vida dos poucos homens que me haviam restado? Fugi, sim – e os olhos do *Foca de Cavanhaque* marejaram. – Fugi, Alteza, e arrastei a minha vergonha por mais de três anos, até que a boa deusa da fortuna finalmente voltou a me sorrir e deparei-me no Caribe com os galeões espanhóis do carregamento de prata.

7. West-Indische Compagnie, a Companhia das Índias Ocidentais. Originalmente, em holandês, GWC – *Geoctroyeerde Westindische Compagnie*.

– Compreendo – anuiu Frederik Hendrik que, se não conseguia abarcar aquela aventura inteira, ao menos percebia estar diante de um homem cuja coragem o havia transformado em herói popular. – Não falemos mais disso. Como diz as nossas *gentes*, “quando o coração está cheio, a boca transborda”. Vamos lá, homem, alegra-te. Chamei-te cá por outra razão. Constantino...

O jovem secretário apressou-se em trazer um papel de cânhamo, enrolado à guisa de um diploma.

– Então, senhor. Como Príncipe de Orange e *Stadhouder* das Províncias Unidas – e com gestos pomposos ofereceu ao outro o canudo –, aqui tens o nosso reconhecimento. O reconhecimento do povo batavo, pelos bons serviços que prestaste à pátria. Sabes ler?

– Um pouco, Alteza.

– Não importa. O que diz este diploma é que Piet Pieterszoon Hein⁸ foi nomeado vice-almirante da Marinha das Províncias Unidas. Não mais a serviço da *WIC*. A meu serviço.

– Alteza...

O valoroso homenzinho abaixou a vista, estendeu a mão trêmula para o certificado e o vaso de lágrimas finalmente transbordou. Para alguém como ele, filho de um pescador de arenques que, desde os nove anos de idade, fora iniciado na labuta de combater os espanhóis, ver-se na posição de vice-almirante da Marinha, a serviço do Príncipe de Orange e *Stadhouder* das Províncias Unidas, era muito mais do que pudera algum dia sonhar.

8. Nome completo em holandês de Piet Heyn.

– Vamos lá, homem. Chega de comoção. Que idade tens, senhor Heyn?

– Completei cinquenta e um invernos a 25 de novembro – sussurrou o outro, enxugando o canto dos olhos com a ponta do dedo indicador. – Mesmo no dia do apresamento da frota de prata.

– Interessante coincidência. Muitas guerras, pois não?

– Nem sei quantas, Alteza.

– Foste devidamente recompensado. É tempo de descansar.

– Ainda não. Por especial mercê. Tenho uma dívida de gratidão a pagar.

Frederik Hendrik não planejara uma reação daquelas. Quarentão *bon vivant*, figura de proa do melhor e mais divertido que a vida pode proporcionar, não conseguia compreender gente simples daquele naipe. É verdade que, antes de “pendurar a armadura” – como gostava de dizer –, na sua arrogância de venerado homem de armas, o irmão Maurício o submetera a infindáveis sessões de reprimendas e aconselhamentos. Colocara-lhe sobre os ombros todo o peso de dar continuidade a uma dinastia que, há meio século, lutava pela independência de um país. Legara-lhe um ótimo secretário, alguns bem treinados gerais, um condescendente *Pensionário*⁹. Obrigara-o até a se casar, sob pena do Parlamento não o aprovar como *Stadhouder*.

Mas é fato que, quase quatro anos passados desde a morte do irmão, afora os graves problemas externos, das sete Províncias Unidas, duas ainda não reconheciam plenamente a sua autoridade. Já o ato de heroísmo daquele homenzinho...

9. Espécie de primeiro-ministro, eleito pelo Parlamento.

– Careço fazer uma confissão, Alteza – a voz de Piet chegava de longe, quase como um sussurro.

– Confissão? – despertou Frederik, recompondo-se e esforçando-se para aparentar bom humor – Sou príncipe e calvinista, não clérigo *papista*. Mas diz lá. O que te aflige?

– O apresamento da armada espanhola... Não é mérito apenas meu.

– Patente que não. Teus homens? Não te preocupes. Já cuidamos disso. A Companhia vai pagar a cada um deles nada menos que dezessete soldos. Dezessete mensalidades extras! Um belíssimo prêmio, pois não?

– Sem dúvida. Muita generosidade de Vossa Alteza. Contudo... Em boa verdade, não devo a vitória apenas aos meus homens – e Piet abaixou a vista, como se envergonhado. – Teve uma... Teve uma mulher no meio.

– Uma mulher? Ora, não me digas! Espantoso. Ainda assim, deixemos isso para depois. Por ora, quero que apareças comigo em uma daquelas janelas. Constantino... O arauto já fez saber ao povo a honra que concedi ao senhor Heyn?

– Pelo alarido que nos chega lá de fora, creio que sim, Alteza.

– Ótimo. Acompanhe-me, senhor.



Capítulo 2

Aquela mesma hora, a umas quatrocentas léguas¹ a sudoeste de Haia, com a capa amarfanhada flutuando ao vento, um mensageiro a todo galope divisava no alto de uma colina a fachada ocidental de *El Alcázar*. A face mais antiga mostrava ainda os torreões do tempo em que o castelo estava anexado à primeira muralha de Madrid. *El Alcázar* era o ponto final da viagem. Uma vez cumprida a missão, o esbaforido cavaleiro poderia finalmente descansar da correria dos últimos dias. Que dias! Trocando de cavalo a cada estação de posta, galopara sob sol, chuva, granizo e até nevada; comendo, bebendo e dormindo o mínimo possível. Aquela mensagem que trazia deveria ser muito importante. Fora-lhe confiada em Bruxelas pelo secretário da arquiduquesa Isabel Clara Eugênia, a governadora dos Países Baixos Meridionais²; e o senhor secretário fora taxativo: “Entregue a El-rei”.

1. Antiga unidade de medida. Na Europa, 400 léguas correspondem a 1.200 milhas ou pouco menos de 2.000 quilômetros.

2. O mesmo que Flandres. As províncias ao sul do Rio Reno que se mantiveram fiéis à Espanha. Nos dias de hoje, aproximadamente Bélgica e Luxemburgo.

O salvo-conduto, com o sinete da arquiduquesa, facilitara-lhe em muito a incumbência. Filha mais querida do finado Felipe Segundo de Espanha e tia do rei atual, o selo de Dona Isabel abria todas as portas. Inclusive as de *El Alcázar*. O papa-léguas ingressou sem dificuldade sob o arco do corpo da guarda e desembocou na praça de armas.

– Pelos chifres de Belzebu – admirou-se o estafeta. – Que imensidão! É bem capaz de caber um exército inteiro aqui.

Visto das cavaliças, aos fundos da praça de armas, é que *El Alcázar* mostrava mesmo a sua grandiosidade. Ladeado por duas torres quadradas e salientes, coroadas por coruchéus azulados – a *Torre Dourada* e a *Torre de Francisco Primeiro*³ –, as dimensões da fachada principal impressionavam. Nos quatro pisos à vista se podia contar mais de uma centena de janelas, simetricamente dispostas de cada lado do frontão central, que encimava o majestoso portal de entrada. Velho de seiscentos anos, nos últimos cem a antiga fortaleza moura fora várias vezes reformada e ampliada, com o objetivo de lhe emprestar a dignidade de um palácio. Agora, desenvolvia-se em torno de uma comprida edificação, ladeada por imensos prédios que circundavam dois grandes pátios internos. No edifício eixo ficava o salão de baile, a capela abobadada, o *Salão dos Espelhos*, onde o monarca recebia visitantes ilustres, e outras dependências; inclusive as suntuosas escadarias de acesso às duas alas mais nobres: à esquerda, o *Pátio do Rei*; à direita, o *Pátio da Rainha*.

3. A torre era assim chamada por ter sido o local onde o imperador Carlos Quinto mantivera preso o rei de França, até que Francisco Primeiro decidisse casar-se com uma das irmãs do imperador e restabelecer a paz entre a França e o Sacroimpério Romano-Germânico.

– Serviço d’El-rei – disse o mensageiro, agitando diante do nariz da sentinela um documento lacrado por um sinete de cera vermelha.

– Sua Majestade não recebe postilhões – retrucou o guarda, com aquele ar impertinente dos que se julgam investidos de autoridade. – Entregue-me a mensagem que farei chegar a ele.

– Tu reconheces este selo aqui, ó companheiro? – encheu-se de bazófia o emissário. – Recebi ordens expressas da senhora Arquiduquesa da Áustria e governadora dos Países Baixos para somente entregar o correio a El-rei.

Diante da invocação do nome de Dona Isabel Clara Eugênia, o militar esmoreceu seus impulsos ditatoriais. Pediu que lhe chamassem o superior. Demorou um tanto. Mas, uma vez tendo finalmente aparecido e sido posto a par do assunto, o guarda-mor tentou contemporizar.

– Sê razoável, homem. El-rei deve estar em orações – sorriu maliciosamente. – Entregue-me a tal mensagem. Farei com que chegue a Sua Majestade.

– Eu aguardo Sua Majestade concluir suas... orações – entrou no jogo da licenciosidade do outro. – Para quem está na estrada faz dez dias, um quarto de hora a mais ou a menos...

O suboficial se permitiu descontraír e sorrir divertido. Pelo visto, as “orações” do rei de Espanha não eram motivo de chacota apenas em Castela. Já haviam atravessado os Pireneus, cruzado a França, a Borgonha e chegado a Bruxelas. Moço de sorte, o Felipe Quarto. Para satisfazer seu apetite incansável por mulheres, não carecia fazer esforço algum. Levas de amantes eram atraídas para ele, tal como os insetos noturnos são atraídos pela luz.

– Façamos o seguinte – decidiu-se o guarda-mor. – Para que não percas o teu tempo e a tua viagem, vou mandar verificar se o conde-duque se dispõe a recebê-lo. Se é que não sabes, Sua Graça é o valido d’El-rei. Nada chega a Sua Majestade sem passar por ele.

– Mas... As minhas ordens eram para entregar a mensagem somente ao senhor Dom Felipe, em mãos...

– Então volta para Flandres – irritou-se o outro. – Por cima do Olivares, amigo, ninguém passa. Só o rei ou um louco. E com certeza tu não és o rei.



Diante daquele homem, talvez até um leão se sentisse inferiorizado. Naquele magnífico gabinete na *Torre Dourada*, onde antigamente despachava o grande Felipe Segundo, sua imponência, sua cabeleira revolta, seus bigodes de pontas voltadas a prumo para o alto, seu jeito superior de olhar, seu vozeirão... Não, não era à toa que, do Extremo Oriente ao Novo Mundo, dos Países Baixos à Península Ibérica, da Grã-Bretanha à África, a fama de Olivares era tão conhecida e amplificada.

Ainda assim, o todo-poderoso foi excepcionalmente cordial com o estafeta. Deu-lhe até um dobrão de prata como gratificação.

– Tranquiliza-te – proferiu num tom que proibia mais insistências. – Considera como entregue ao próprio rei a mensagem.

Minutos depois, o baque surdo de um soco na escrivaninha atestava que Olivares não gostara do que lera. Dando voltas

em seu gabinete, como um urso que acabou de ser colocado na jaula, com os olhos injetados e o pescoço corado, resmungava circunlóquios incompreensíveis. Não bastava a péssima notícia do apresamento dos galeões que vinham das minas do Novo Mundo, e os boatos de que os holandeses pretendiam voltar a invadir o Brasil. Para rematar a desgraça, a notícia lhe chegara não por um dos seus generais, ministros, secretários, assessores ou espíões. Chegara-lhe pela interceptação de uma carta da governadora dos Países Baixos para o sobrinho, El-rei Felipe Quarto.

– Velhota miserável! Nunca perde ocasião de me tentar sabotar – pensou alto.

Dezenas de passos em volta, os ecos que vinham do gabinete pareciam prenunciar tempestade. Em suspense, ninguém ousava se aproximar. Quando atacado dos nervos, Sua Graça parecia possuído pelo demônio e seria capaz de pôr a correr até uma estátua. Somente aos poucos, a raiva do conde-duque fora cedendo lugar a um sentimento de indignação silenciosa, ácida, daquelas que corroem a alma.

Como todos os que exercem grande poder por muito tempo, Olivares identificava-se com o que comandava, considerando qualquer agravo aos interesses da Espanha uma afronta pessoal. Consequentemente, ele fora roubado. Ele fora humilhado. Ele fora vencido por um bando de piratas hereges; aquela gentilha maçante do Mar do Norte, que havia cinquenta anos desafiava a maior potência do planeta. Ademais, o que haviam roubado daquela vez era excepcional. Iria fazer imensa falta. Os responsáveis? Ah, cabeças iriam rolar! Mas como manter tantos exércitos, tantos feitos, as suntuosidades da corte, sem poder contar com aquele ouro e prata? Decerto iria precisar cortar

gastos. Mandar suspender as obras da quarta muralha defensiva de Madrid. Até mesmo... O pensamento que lhe ocorreu era de todo desagradável. Amiudou-lhe os olhos e venceu-lhe ainda mais a testa.

Em agradecimento pela elevação de conde para conde-duque, Olivares havia dado de presente a El-rei, para o lazer da corte, um parque de cento e quarenta e cinco hectares ao redor do *Convento de San Jerónimo*, não muito longe de *El Alcázar*. Caprichara nos detalhes. Os jardins, por exemplo, haviam sido concebidos pelo famoso paisagista italiano Cosme Lotti. Sua Majestade apreciara muito a generosidade do seu protegido, mas reclamara da falta de privacidade. No convento, a bem da verdade, havia o chamado *El Cuarto Real*, instalado estrategicamente à direita do altar-mor, para que até mesmo da cama El-rei pudesse assistir à santa missa. Mas fazer “orações” dentro de uma igreja... Felipe Quarto era bom cristão. Tinha lá os seus escrúpulos de consciência. Ordenara que fosse construído, no novo parque, o que batizara *Palacio del Buen Retiro*.

Aquela rubrica do orçamento não poderia ser cortada – convencera-se Olivares. Melhor sacrificar outras obras ou aumentar impostos. Quiçá, fazer um empréstimo junto aos Fugger⁴. Caprichos de rei não devem ser negligenciados.

Dezoito anos mais velho, ainda assim amigo e confidente de Felipe Domingo Víctor de la Cruz – o Príncipe das Astúrias e de Portugal –, que, com a morte do pai, aos dezesseis anos de idade, subira ao trono da Espanha com o nome de Felipe Quarto, Gaspar de Guzmán y Pimentel, o Conde de Olivares, era o valido

4. Riquíssima e tradicional família de banqueiros e mercadores judeu-alemães.

do rei. O homem de confiança de Sua Majestade. Inteligente e sagaz, voluntarioso e determinado, com uma incansável disposição para o trabalho, fazia as vezes de um primeiro-ministro. E, passados oito anos de reinado, Felipe Quarto não tinha do que se queixar. Só mesmo nos tempos do avô dele, o grande Felipe Segundo, a hegemonia espanhola fora tão incontestável. Afora uma ou outra província distante perdida para os inimigos de sempre, o Império Espanhol continuava a se estender do Extremo Oriente ao Novo Mundo e, no âmbito da Europa, abarcava Portugal, Nápoles, Sicília, Sardenha, Milão, Borgonha, Países Baixos e Artois⁵. Como aceitar que aquele poderio todo fosse afrontado, ultrajado, espezinhado por um bando de piratas?

– Intolerável – decretou aos berros Olivares, confirmando as previsões dos circunstantes de que uma tempestade se avizinhava.

Enfurecido, o conde-duque tinha ganas de estrangular um a um os seus secretários, assessores, ministros... A governança inteira. Não lhe convinha, porém, expor-se demais. O bom senso lhe recomendava que informasse primeiramente a El-rei.

5. Antigo condado estabelecido no norte da França, que tinha como capital a cidade de Arras. Na atualidade, trata-se aproximadamente do departamento francês de Pas-de-Calais, mais a estratégica região de Dunquerque.